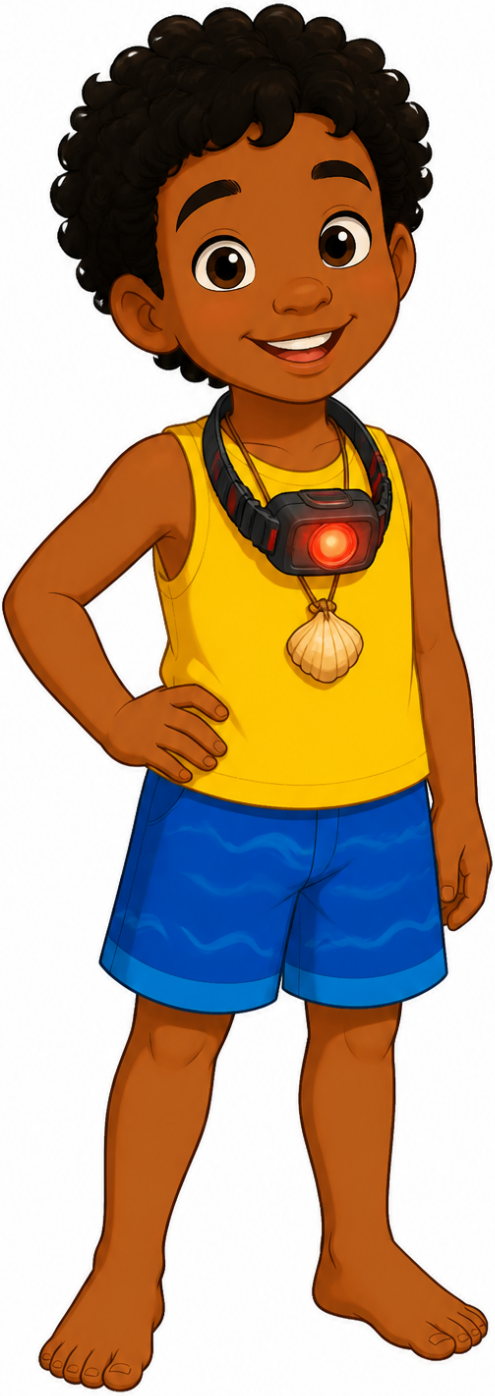
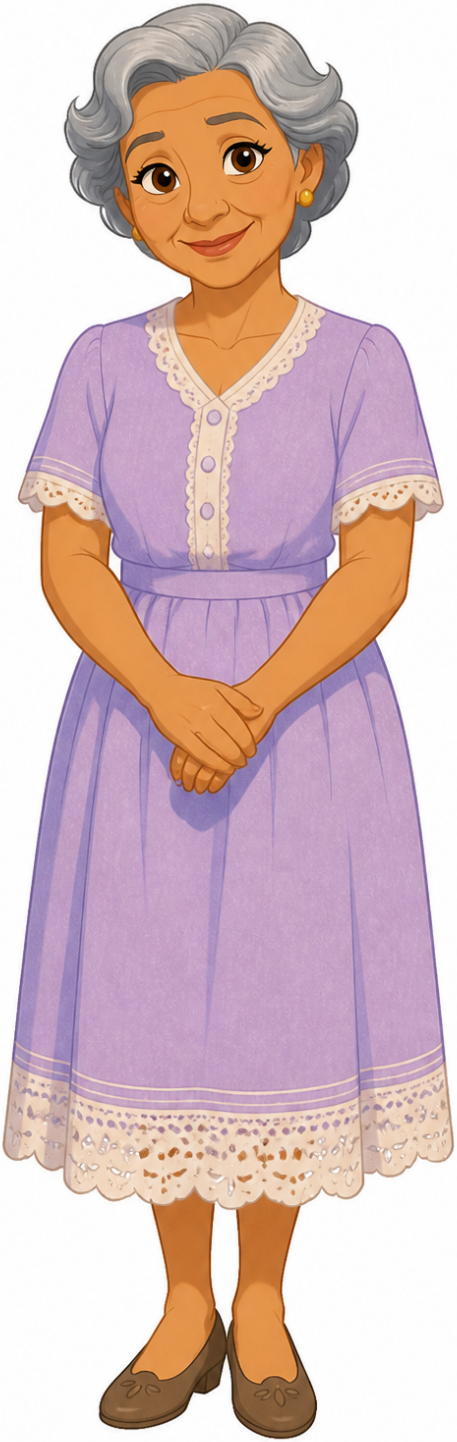

Caio
e a Noite das
Tartaruguinhas

Sobre este livro

On the night of Brazil's Children's Day, seven-year-old Caio spots tiny tracks in the sand near his grandmother's beach house in Bahia. A nest of baby sea turtles is about to hatch. With his grandmother and a local turtle ranger, he has to guide the hatchlings past the bright lights of the village to the moonlit sea. It's a warm story about patience, courage, and protecting the ocean, with the child's own name on every page.



Caio



Dona Celeste



Lua



Bia

O feriado de Caio

Caio chegou à casa de Dona Celeste no Dia das Crianças com uma mochila, um chapéu torto e três perguntas antes mesmo de descer do carro. O vento de Praia do Forte balançava os coqueiros, e as jangadas pareciam cochilar sobre o mar azul.

Da cozinha vinha cheiro de bolo, mas a rua trazia outro perfume: acarajé quentinho. Caio respirou tão fundo que Dona Celeste riu. Ela o abraçou, ajeitou seus cachos e disse que a Bahia sempre preparava boas-vindas para o neto mais apressado do mundo.

Na varanda, rendas brancas dançavam presas ao varal. Muito ao sul, contou a avó, o farol de Itapuã piscava para os barcos. Caio tentou enxergar seu clarão no horizonte e quase colocou o chapéu sobre os olhos em vez de usar as mãos.

Antes do jantar, Caio correu até a praia. Queria achar uma concha enorme, um tesouro ou, no mínimo, um siri educado. Não sabia que a areia guardava uma surpresa muito menor do que uma concha e muito maior do que qualquer presente.


DONA
CELESTE
PRAIA
DO
FORTE

Pegadas como vírgulas

Na manhã seguinte, Caio caminhou perto da espuma, deixando pegadas fundas. De repente, viu riscos minúsculos na areia. Pareciam vírgulas feitas por dedos invisíveis. Ele se agachou tanto para olhar que o chapéu caiu e saiu rolando com o vento.

Caio chamou Dona Celeste, mas lembrou que ela sempre dizia para não gritar perto dos bichos. Então correu de volta, falando baixinho e depressa ao mesmo tempo. A avó ouviu sua explicação sobre vírgulas, fantasmas e um possível exército de besouros.

Os dois voltaram juntos. Perto dos rastros havia estacas baixas, uma fita de proteção e uma placa do projeto de conservação. Dona Celeste impediu Caio de atravessar a marcação. Aquela cerca simples avisava que algo precioso descansava sob a areia.

Caio ficou na ponta dos pés, como se isso ajudasse a enxergar através do chão. Seu coração pulou de curiosidade. Ele não sabia quem morava ali, mas decidiu que descobriria sem cavar, sem tocar e, desafio ainda maior, sem perder a paciência.



O segredo sob a areia

Uma mulher de camiseta azul aproximou-se carregando uma prancheta. Era Lua, guardiã do projeto de conservação. Ela examinou a placa, conferiu a areia e contou a Caio que ali havia um ninho de tartarugas-cabeçudas quase pronto para eclodir.

Caio arregalou os olhos. Imaginou tartarugas usando chapéus enormes e perguntou se o nome vinha daí. Lua riu e explicou que a cabeça delas era grande e forte. Sob seus pés, muitos filhotes esperavam o momento certo para subir.

A vontade de Caio era sentar junto à cerca até o ninho abrir. Lua avisou que poderiam faltar horas ou até dias. A natureza não usava despertador. Dona Celeste concordou e disse que nem sua melhor cantiga faria os ovos obedecerem a um relógio.

Lua mostrou pequenas mudanças na areia, mas pediu distância. Ninguém deveria cavar ou ajudar com as mãos. Caio assentiu seriamente. Pela primeira vez naquele feriado, recebeu uma missão cuja tarefa principal era não fazer nada antes da hora certa.


NINHO DE
TARTARUGAS-
CABEÇUDAS

A bússola de luar

Sentados longe da marcação, Caio e Lua olharam o oceano. Ela explicou que os filhotes costumam seguir o brilho do horizonte sobre o mar. Em uma praia escura, o clarão da lua e do céu ajuda as tartaruguinhas a encontrar seu caminho.

Caio apontou para as casas e os restaurantes da vila. Havia lâmpadas nas varandas, letreiros e janelas iluminadas. Lua contou que essas luzes podiam confundir os filhotes, fazendo-os andar para o lado errado e gastar a pouca energia que possuíam.

Caio pensou na tartaruguinha mais desastrada do ninho, virando para uma barraca de acarajé por engano. Seu estômago achou a ideia excelente, mas sua cabeça percebeu o perigo. Uma criatura tão pequena precisava alcançar o mar sem distrações.

Lua disse que a equipe acompanharia a eclosão e orientaria todos. Caio perguntou como poderia ajudar. A guardiã respondeu que ele poderia conversar com os vizinhos, respeitar a área e manter luzes brancas afastadas da praia. Enfim surgira uma tarefa com movimento.



O treino da espera

À tarde, Caio visitou o ninho tantas vezes que Dona Celeste começou a marcar cada ida com um grão de feijão. Logo havia uma fileira inteira sobre a mesa. Na décima visita, a areia continuava quieta, como se estivesse fingindo dormir.

Para ocupar as mãos do neto, Dona Celeste ensinou um ponto simples de renda. Caio fez um laço, depois outro, e acabou prendendo o fio no botão da camisa. A avó soltou o pequeno desastre sem rir muito, embora seus ombros rissem por ela.

Depois cantaram uma cantiga de roda na varanda. Caio percebeu que cada verso tinha seu tempo. Se corresse nas palavras, a música tropeçava. Se esperasse a batida, tudo se encaixava. Talvez os filhotes também seguissem uma música secreta debaixo da areia.

Ao anoitecer, ele voltou com Dona Celeste e encontrou Lua conferindo o local. Nada ainda. Caio suspirou, mas não reclamou. Sentou-se a uma distância segura e ouviu as ondas. Esperar continuava difícil, só que agora parecia parte da missão.



Luzes demais

Na noite seguinte, Lua notou uma pequena depressão sobre o ninho. A eclosão podia estar próxima. Caio sentiu um frio alegre na barriga, mas, ao olhar para a vila, viu lâmpadas acesas como um exército de sóis pequenos apontados para a praia.

Uma varanda tinha pisca-piscas. Um restaurante mantinha um letreiro forte. Até a janela de Dona Celeste brilhava, porque ela esquecera a luminária junto às rendas. Caio correu para apagá-la e voltou ofegante, feliz por começar dentro da própria casa.

Lua explicou que não bastava escurecer um único quintal. Seria melhor pedir cooperação às pessoas próximas e manter todos atrás da área orientada pela equipe. Luzes vermelhas fracas, usadas com cuidado e voltadas para baixo, atrapalhariam menos a observação.

Caio pensou por alguns segundos, o que para ele pareceu uma tarde inteira. Então teve uma ideia: as crianças poderiam formar uma corrente de lanternas vermelhas para marcar onde os moradores deveriam ficar. Lua aprovou, desde que ela comandasse a organização.


NINHO
PROTEGIDO

A corrente vermelha

Caio encontrou Bia brincando de roda com outras crianças. Explicou o problema tão depressa que precisou repetir tudo, dessa vez respirando entre as frases. Bia gostou da ideia e batizou o grupo de Corrente das Lanternas Vermelhas.

Com a orientação de Lua, eles cobriram lanternas adequadas com filtros vermelhos seguros. As luzes seriam fracas, apontadas para o chão e usadas apenas atrás da linha dos observadores. Ninguém faria um corredor iluminado para as tartarugas nem pisaria perto do ninho.

As crianças treinaram posições no quintal de Dona Celeste. Quando Caio mandou todos para a esquerda, foi o único que andou para a direita. Bia cruzou os braços e perguntou se o comandante precisava de uma bússola. Caio respondeu que fora um teste secreto.

Dona Celeste serviu suco e lembrou que ajudar não era aparecer mais do que os bichos. Naquela noite, as estrelas seriam o enfeite principal. Caio segurou sua lanterna apagada e prometeu acendê-la somente quando Lua permitisse.



De porta em porta

Antes de escurecer, Caio, Bia e Dona Celeste visitaram os vizinhos. Pediram que fechassem cortinas, apagassem lâmpadas externas e evitassem fotografias com clarão. Caio falava com tanta seriedade que até o vendedor de acarajé apoiou a colher para ouvi-lo.

Algumas pessoas aceitaram na mesma hora. Outras perguntaram se uma lâmpada faria diferença. Dona Celeste respondeu com doçura que, para olhos recém-abertos, uma luz podia parecer um caminho inteiro. Caio completou dizendo que o mar precisava vencer aquela disputa.

O dono do restaurante desligou o letreiro. Uma família recolheu os pisca-piscas. Na última casa, um senhor temeu tropeçar no escuro. Bia mostrou onde a equipe manteria uma passagem segura, e Lua confirmou que os moradores deveriam seguir suas orientações.

Quando terminaram, a vila parecia respirar mais devagar. O cheiro de acarajé continuava no ar, as jangadas viravam sombras e os coqueiros balançavam sob a lua. Caio percebeu que muitas pequenas escolhas podiam formar uma ajuda enorme.



A praia prende a respiração

Na noite de 12 de outubro, Lua chamou Dona Celeste: a areia estava cedendo. Caio vestiu a camiseta pelo lado errado, calçou uma sandália de cada cor e só percebeu quando Bia apontou. Não voltou para trocar. Tartaruguinhas não esperavam combinações elegantes.

Na praia, todos ficaram atrás da linha indicada. As lanternas vermelhas permaneceram baixas e discretas, voltadas para os pés dos observadores. À frente, o caminho entre o ninho e o oceano estava livre, escuro e banhado apenas pelo brilho do céu.

Dona Celeste começou uma cantiga quase sem voz, mas Lua pediu silêncio completo. Caio fechou a boca no meio de uma palavra. O mar fazia chuá, chuá. Uma jangada rangeu ao longe. Até o vento pareceu diminuir para escutar a areia.

Os minutos ficaram compridos. Caio quis perguntar se faltava muito, porém apertou a mão da avó. Lembrou-se da renda, das músicas e do ritmo certo. Esperar não era ficar vazio. Era oferecer àquele momento todo o espaço de que ele precisava.


ÁREA DE
PROTEÇÃO
NINHOS DE TARTARUGA
12

A areia se mexe

Um grão rolou. Depois outro. No centro do ninho apareceu uma rachadura fina. Caio prendeu a respiração até suas bochechas ficarem redondas. Uma cabecinha escura surgiu, parou por um instante e desapareceu de novo sob a areia.

Caio quase gritou que tinha visto, mas transformou o grito em um soluço engraçado. Dona Celeste apertou seu ombro. A rachadura aumentou, e várias nadadeiras começaram a remexer a superfície como pequenas colheres cavando de baixo para cima.

Então a primeira tartaruguinha saiu. Era menor do que Caio imaginara e carregava grãos de areia no casco. Outra apareceu atrás, depois mais duas. Elas não precisaram que ninguém as pegasse; moveram-se juntas, guiadas pela claridade aberta do horizonte.

Lua observava com atenção, pronta para proteger a área caso surgisse algum obstáculo. Caio sentiu vontade de correr ao lado dos filhotes, mas permaneceu atrás da linha. Seu corpo tremia de alegria, enquanto seus pés cumpriam a parte mais difícil: ficar parados.



A janela teimosa

De repente, uma janela se abriu na vila. Uma luz branca atravessou a praia, e alguns filhotes viraram para o lado errado. Caio apontou, assustado, mas não saiu correndo. Lua pediu que todos mantivessem a calma e protegessem o espaço.

Bia reconheceu a casa e chamou o morador de onde estava, sem atravessar a área. Caio juntou a voz à dela: era preciso apagar a luz. Um rosto apareceu na janela, compreendeu o pedido e puxou rapidamente a cortina antes de desligar a lâmpada.

A praia voltou a ficar escura. As tartaruguinhas hesitaram, giraram os corpos e retomaram o rumo do horizonte claro. Caio soltou o ar devagar. A Corrente das Lanternas Vermelhas continuou quieta, com os fachos fracos apontados para trás e para baixo.

Lua sorriu para as crianças. Elas tinham resolvido o problema sem tocar nos animais, sem bloquear o caminho e sem transformar a noite em confusão. Caio percebeu que coragem não era fazer tudo sozinho; era ouvir, cooperar e agir do jeito certo.



Um, dois, três, mar

Lua pediu que Caio ajudasse na contagem visual, sempre do lugar seguro. Ele apontava discretamente e sussurrava os números. Um, dois, três, quatro. As tartaruguinhas avançavam com nadadeiras rápidas, deixando trilhas delicadas na areia.

No número dezessete, Caio se confundiu porque duas chegaram juntas. Recomeçar seria impossível. Bia mostrou dez dedos, depois mais sete, e guardou a conta. A partir dali, os dois trabalharam como uma equipe: ele observava, ela registrava.

Vinte e três, vinte e quatro, vinte e cinco. Cada filhote parecia pequeno diante do oceano, mas nenhum parecia desistir. Quando uma onda alcançava a praia, algumas tartaruguinhas eram envolvidas pela espuma e desapareciam na água escura.

Caio queria comemorar cada chegada, porém manteve a voz baixa. Transformou sua alegria em um sorriso tão grande que Dona Celeste disse, num cochicho, que a lua poderia usá-lo como espelho. A contagem continuou, paciente e cuidadosa.


7!
1 |
2 ||
3 |||
4 ||||
5 ||||
6 ||||
7 ||||

A última tartaruguinha

Quando o grupo principal alcançou a água, a areia pareceu sossegar. Lua ainda esperou. Caio também. Foi então que um último filhote surgiu na borda do ninho. Era menor que os outros e tinha metade do casco coberta de areia.

A tartaruguinha começou a andar, parou, mexeu as nadadeiras e tornou a avançar. Caio quis pedir que ela fosse mais depressa, mas se lembrou de quantas vezes a avó esperara por ele. Cada passo tinha seu próprio tamanho e seu próprio tempo.

Em pensamento, Caio chamou o filhote de Faísca. Não porque ele brilhasse de verdade, mas porque acendera uma luz dentro do seu peito. Faísca desviou de uma folha seca, atravessou uma marca de jangada e seguiu em direção ao reflexo da lua.

Bia sussurrou o último número da contagem. Dona Celeste segurou a mão de Caio, e os dois acompanharam Faísca sem sair do lugar. A menor tartaruguinha não precisava de pressa emprestada. Precisava apenas de praia livre, escuridão e chance.



Faísca encontra o mar

Uma onda avançou e parou a poucos centímetros de Faísca. Caio apertou os dedos de Dona Celeste. A tartaruguinha continuou. Outra onda veio maior, cobriu suas nadadeiras e recuou, deixando-a ainda sobre a areia molhada.

Caio sentiu o coração subir até a garganta. Faísca mexeu o corpo, encontrou firmeza e avançou mais duas vezes. A terceira onda chegou cantando espuma. Envolveu a tartaruguinha e a levou para o mar, onde seu pequeno casco desapareceu.

Por um instante, ninguém falou. Depois Lua permitiu uma comemoração suave. A praia se encheu de palmas delicadas, abraços e risos baixos. Caio abraçou Bia, abraçou Dona Celeste e quase abraçou a própria lanterna, que bateu em seu nariz.

Lua agradeceu à vila por apagar as luzes e manter o caminho livre. Caio olhou o oceano escuro. Não podia mais ver Faísca, mas imaginou suas nadadeiras trabalhando sob as ondas. Sentiu saudade de alguém que conhecera apenas por alguns minutos.



O caminho de volta

Mais tarde, Caio e Dona Celeste sentaram-se na varanda. As rendas descansavam no varal, e o cheiro distante de acarajé misturava-se à maresia. A avó explicou que, se tudo corresse bem, Faísca poderia voltar àquela região para fazer seu ninho.

Caio perguntou se seria no próximo Dia das Crianças. Dona Celeste sorriu e disse que a viagem seria muito mais longa: talvez trinta anos. Caio tentou imaginar trinta bolos, trinta feriados e trinta vezes seu chapéu sendo carregado pelo vento.

Ele ficou triste por ter de esperar tanto. A avó passou o braço sobre seus ombros e lembrou que algumas voltas demoram, mas guardam o caminho no coração. Faísca poderia regressar àquela praia, assim como Caio sempre voltava para a casa dela.

Caio escutou o mar e sorriu. Talvez estivesse adulto quando Faísca retornasse, mas ainda saberia apagar uma luz, deixar a areia limpa e esperar. Naquela noite, a lua desenhou sobre a água um caminho comprido, brilhante e cheio de promessas.



Feito com ❤ em 🇳🇴 pela Plyx



Escaneie para sua edição digital e de áudio